



RIBEIRO, Eulina Maria de Carvalho. Padrões vinculares e fluxo energético. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

PADRÕES VINCULARES E FLUXO ENERGÉTICO

Eulina Ribeiro

Resumo

A proposta desse artigo é explorar os conceitos básicos da Teoria do Apego, através de estudos e pesquisas de Mary Ainsworth, idéias de Bolwby e outros estudiosos ressaltando os fatores ambientais, genéticos e físicos que interferem neste sistema. Apresento a classificação dos diversos padrões de apego e termino fazendo uma correlação entre estes padrões e a caracterologia da Análise Bioenergética.

Palavras-chaves: Bioenergética; Padrões Vinculares; Teoria do Apego

As novas pesquisas apresentadas pela Neurociência com relação aos processos de regulação são de particular importância para os psicoterapeutas corporais porque investigam a interação corpo, mente emoção e relações interpessoais.

Segundo Schore:

A relação terapêutica pode alterar os sistemas cerebrais de estrutura interna que processam e regulam consciente e inconscientemente a informação interna externa, e com isso, não só reduz os sintomas negativos dos pacientes, como suas capacidades adaptativas (2003, pg. XVII).

Schore combina dados de pesquisa do desenvolvimento da interação mãe-bebê, dados da neurociência e várias teorias psicanalíticas para descrever os mecanismos psicobiológicos, através dos quais a relação de vínculo facilita o desenvolvimento das estruturas auto-reguladoras mais importantes da criança.

Meu atual interesse de estudo, sustentado pela experiência na clínica, refere-se a uma visão mais abrangente e holística do trabalho terapêutico que enfatiza a importância do vínculo terapeuta/cliente dentro do processo, para que seja possível restaurar os possíveis danos a que todos fomos expostos durante nosso desenvolvimento.

Assim, trouxe para esta mesa algumas questões sobre a teoria do apego, seu desenvolvimento durante o ciclo vital e os padrões que foram originados durante um sistema de avaliação na observação do relacionamento mãe-bebê.



RIBEIRO, Eulina Maria de Carvalho. Padrões vinculares e fluxo energético. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Conceitos básicos da teoria do apego

Observando a relação de cuidado das mães e seus bebês John Bowlby, (1991) impressionou-se com as evidências de efeitos adversos ao desenvolvimento, atribuídos ao rompimento na interação com a figura materna, durante a primeira infância.

Os estudos de Bowlby e de outros pesquisadores deram origem às primeiras formulações e aos pressupostos formais de Teoria do Apego (TA). Usando os conceitos da psicanálise, biologia evolucionária, etologia, psicologia do desenvolvimento, ciências cognitivas e teoria dos sistemas de controle, Bowlby buscou alternativas embasadas cientificamente, dando ênfase aos mecanismos de adaptação ao mundo real, às competências humanas e a ação do indivíduo em seu ambiente.

Mary Ainsworth, (1963) investigou fatores determinantes da proximidade-intimidade expressa no comportamento de interação de crianças com suas mães. Seus trabalhos evidenciaram que o modelo de apego que um indivíduo desenvolve durante a primeira infância é profundamente influenciado pela maneira como os cuidadores primários (pais ou substitutos) o tratam, além da influência dos fatores temperamentais e genéticos.

M. Cortina & M. Marrone (2003) consideram que as idéias de Bowlby representam o ponto de partida para o desenvolvimento de uma nova teoria da motivação humana, que integra aspectos da biologia moderna e inclui afeto, cognição, sistemas de controle e de memória, além dos aspectos envolvidos no desenvolvimento, sustentação e provimento dos laços de apego. Consideram também que a teoria do apego contempla os processos normais de desenvolvimento e a psicopatologia humana, além de abordar os processos de informação para a compreensão dos mecanismos psicológicos utilizados na vivência de um trauma ou uma perda, ou na experiência da rejeição das figuras de apego.

J. Bowlby (1989) considerou o apego como um mecanismo básico dos seres humanos porque é um comportamento biologicamente programado, como o mecanismo de alimentação e da sexualidade, e é considerado como um sistema de controle homeostático, que funciona junto com outros sistemas.

O papel do apego na vida dos seres humanos envolve o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece respostas, proporcionando um sentimento de segurança que fortalece a relação. Assim o relacionamento da criança com os pais é instaurado por um conjunto de sinais inatos do bebê, que demandam proximidade.



RIBEIRO, Eulina Maria de Carvalho. Padrões vinculares e fluxo energético. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Através dos cuidados da sensibilidade e da responsividade dos cuidadores vai se desenvolvendo um vínculo afetivo.

Um dos pressupostos básicos da teoria do apego é de que as primeiras relações de apego estabelecidas na infância afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida. Também se refere às ações de uma pessoa para alcançar ou manter proximidade com outro indivíduo, considerado mais apto para lidar com o mundo. A função deste comportamento é biológica e corresponde a uma necessidade de proteção e segurança.

B. Golse (1998) ressalta que o comportamento de apego é instintivo, evolui ao longo do ciclo da vida, e não é herdado; o que se herda é o seu potencial ou o tipo de código genético que permite à espécie desenvolver melhores resultados adaptativos, caracterizando sua evolução e preservação.

O comportamento de apego, durante o ciclo vital, está presente em variadas intensidades e formas que podem ser: formas ativas, como procurar ou seguir o cuidador; formas aversivas, como chorar; ou pode ainda aparecer sob forma e sinais comportamentais que alertam o cuidador para o interesse de interação da criança, como sorrir e verbalizar de modos diversos.

É o padrão desses comportamentos e não sua frequência que revela algo da força ou qualidade do apego.

Bowlby apresenta dois tipos de fatores que podem interferir na ativação do sistema de comportamento do apego: os relacionados às condições físicas e temperamentais da criança e os relacionados às condições do ambiente. A interação desses dois fatores é complexa e depende da estimulação do sistema de apego. Esse sistema tem função direta nas respostas afetivas e no desenvolvimento cognitivo, já que envolve uma representação mental das figuras de apego, de si mesmo e do ambiente.

Funcionamento dos modelos internos

O sistema de comportamento de apego é complexo. Com o desenvolvimento, a criança desenvolve uma habilidade de representação mental, denominada modelo interno de funcionamento, que engloba as experiências da infância, às percepções do ambiente, de si mesmo e das figuras de apego.



RIBEIRO, Eulina Maria de Carvalho. Padrões vinculares e fluxo energético. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

De acordo com Bowlby as experiências precoces com o cuidador primário iniciam o que depois se generalizará nas expectativas sobre si mesmo, dos outros e do mundo em geral, com implicações importantes na personalidade.

Os registros das representações sensório-motoras das experiências de uma base segura na infância é que dão origem a todo o processo cognitivo afetivo da criança e que possibilita a construção de representações cada vez mais complexas.

Desenvolvimento do Apego ao longo do Ciclo Vital

M. Aiswoth (1978) desenvolveu um sistema de avaliação do relacionamento mãe-bebê, a partir de observações naturalísticas dessa interação, chegando à identificação de dois grandes grupos de estilo de apego: os seguros e os inseguros. As crianças seguras se mostravam confiantes na exploração do ambiente, usando seus cuidadores como uma base segura de exploração. As inseguras apresentavam baixa exploração do ambiente e pouca ou intensa interação com suas mães.

M. Ainswoth desenvolveu o método experimental denominado

Situação Estranha, em que as reações das crianças na interação com seu cuidador são observadas detalhadamente em uma situação de separação.

A Situação Estranha deu origem ao primeiro sistema de classificação do apego entre o cuidador e a criança, sendo as categorias organizadas em: **Padrão seguro, Padrão ambivalente ou resistente, Padrão evitativo e Padrão desorganizado ou desorientado.**

Padrões de Vínculo e Caracterologia da Análise Bioenergética

A teoria do apego e os padrões de vínculo nos ajudam a compreender melhor como as defesas vão sendo estruturadas durante o desenvolvimento psico-sexual, e que, mais tarde, irão constituir o que chamamos de defesas de caráter.

Na verdade a terapia do apego complexifica a Análise Bioenergética no que diz respeito à constituição dos padrões de defesa que farão parte de sua caracterologia.

Padrão Seguro corresponde ao relacionamento cuidador-criança provido de uma base segura, onde a criança pode explorar com entusiasmo seu ambiente e quando



RIBEIRO, Eulina Maria de Carvalho. Padrões vinculares e fluxo energético. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

estressada procura confiantemente a proteção das figuras de apego, que respondem com dedicação.

Essas crianças seguras incomodam-se quando separadas de seus cuidadores, mas não se abatem de forma exagerada. A interação nesse caso é de cooperação, com instruções seguras e monitoração e encorajamento da independência.

Padrão ambivalente ou resistente – é caracterizado pela criança que, antes de ser separada dos cuidadores, apresenta comportamento imaturo para sua idade e pouco interesse em explorar o ambiente, voltando sua atenção aos cuidadores de maneira preocupada. Fica incomodada com a separação e não se aproxima de pessoas estranhas. No reencontro com os cuidadores ela não se aproxima facilmente, alternando seu comportamento entre a busca do contato e a braveza. Segundo Ainsworth (1978) essa criança em alguns momentos recebeu cuidados equivalentes às suas demandas e, em outros, não obteve o apoio que necessitava, o que pode ter provocado à falta de confiança nos cuidadores.

O Padrão ansioso ambivalente corresponde a um “self oral” que antecipa a perda em resposta a uma mãe que não responde às necessidades da criança e, ao contrário, a criança atende às necessidades maternas.

Padrão evitativo – este grupo de crianças brinca de forma tranqüila, interage pouco com os cuidadores, mostra-se pouco inibido com estranhos, chegando a se engajar em brincadeiras com pessoas desconhecidas durante a separação dos cuidadores. Quando reunidas aos cuidadores eles mantêm distância e não vão em busca de conforto. Para a autora, são crianças menos propensas a procurar o cuidado e a proteção das figuras de apego quando vivenciam estresse. Também foi sugerido que elas deixam de procurar os cuidadores após terem sido rejeitadas, de alguma forma, por eles. Apesar dos cuidadores demonstrarem preocupação, não corresponde aos sinais de necessidade da criança. A hipótese levantada é de que tenham sido rejeitadas quando revelaram suas necessidades e aprenderam a ocultá-las.

Um padrão ansioso evitante parece corresponder a um “self esquizóide” em resposta a uma mãe ansiosa e que rejeita as demandas do bebê e evita qualquer contato afetivo. Essa mãe não se vincula afetivamente com a criança, investindo muito mais nas experiências cognitivas.

RIBEIRO, Eulina Maria de Carvalho. Padrões vinculares e fluxo energético. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Padrão desorganizado ou desorientado – é composto por crianças que tiveram experiências negativas para o desenvolvimento infantil adaptado, crianças que na, Situação Estranha, apresentavam comportamento contraditório ao lidar com a situação de separação. Na presença dos cuidadores, antes da separação mostram-se impulsivas e agressivas, apresentando confusão facial e expressões de transe e perturbações. Segundo os estudiosos elas vivenciam um conflito, sem ter condições de manter uma estratégia adequada para lidar com o que as assusta. Geralmente, trata-se de crianças que foram abusadas, nas quais o cuidador pode significar uma ameaça.

O padrão desorganizado/desorientado corresponde a um “self boderline” em resposta a mãe assustada e/ou assustadora, que reage à relação com seu bebê de uma forma imprevisível. O bebê não consegue construir nenhuma estratégia para lidar com ela porque fica sem referência.

C. George, N. Kaplan & M. Main (1985) criaram a Entrevista de Apego do Adulto (Adult Attachment Interview) com a finalidade de analisar as representações dos modelos internos de apego nos adultos. Foram formuladas as seguintes categorias de padrões de apego em adultos: **seguro/autônomo, desapegado/evitativo, preocupado/ansioso e desorganizado/desorientado**, sendo que cada uma corresponde a determinadas características de personalidade, à formas de interação, aos tipos de respostas social apresentadas e ao surgimento de psicopatologias (ATKINSON, 1997).

Conclusão

No processo de crescimento as crianças atravessam várias fases do amor, precisando organizar os sentimentos e o self orgânico associado a essas fases. O bebê precisa sentir que está sendo cuidado, protegido e alimentado e assim sentir-se seguro o suficiente para continuar o processo de crescimento.

O contato para a criança é parte de um ambiente de apoio essencial que a leva do embrião ao feto, deste ao bebê, à criança, ao adolescente e seguir no processo de envelhecer.

O vínculo seguro entre a criança e seu cuidador favorece e aprofunda a experiência pessoal de construir uma interioridade e uma subjetividade capaz de usufruir mais plenamente de sua vitalidade.



RIBEIRO, Eulina Maria de Carvalho. Padrões vinculares e fluxo energético. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Referências

AINSWORTH, M. The development of infant-mother interaction among Ganda. In: FOSS, B. M. (Org.), **Determinants of infant behavior**, New York: Wiley, 1963, pp 67-104).

_____. **Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation**. Hillsdale: Erlbaum, 1978

_____. Attachments beyond the infancy. In: **American Psychologist**. Quarteto Editora, Universidade de Brasília, 1999, vol. 44, no.4, pp. 709-716.

_____. & BOWLBY, J. An ethological approach to personality development. In: **American Psychologist**. Quarteto Editora, Universidade de Brasília, 1991, vol. 46, pp 333-341.

BOWLBY, J. **Apego e perda: A natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1969/1990, vol. 1.

_____. **Apego e perda: Tristeza e Depressão**. São Paulo: Martins Fontes, 1973/1980, vol. 3.

_____. **Apego e perda: Separação**. São Paulo: Martins Fontes, 1973/1984

CORTINA, M. & MARRONE, M. **Attachment theory and the psychoanalytic process**. London: Whurr Publishers, 2003

GEORGE, C; KAPLAN, N. & MAIN, M. **The adult attachment interview**. Departamento de Psicologia: University of California, Berkley, 1985

GOLSE, B. **O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

Eulina Maria de Carvalho Ribeiro/SP - Psicoterapeuta, treinadora Internacional do IIBA - Instituto Internacional de Análise Bioenergética dando curso de formação em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, com cursos de especialização em Reich, Constelação Sistêmica, Psicanálise, Kelerman e Análise Bioenergética.

E-mail: lainacr@uol.com.br